



PSICANÁLISE

Antonino Ferro

Na sala de análise

Emoções, relatos, transformações

Blucher

NA SALA DE ANÁLISE

Emoções, relatos, transformações

Antonino Ferro

Tradução

Marta Petricciani

Título original: *Nella stanza d'analisi: emozioni, racconti, trasformazioni*

Na sala de análise: emoções, relatos, transformações

© 2019 Antonino Ferro

Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ferro, Antonino

Na sala de análise : emoções, relatos, transfor-
mações / Antonino Ferro ; tradução de Marta
Petricciani. – São Paulo : Blucher, 2019.

332 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1451-9 (impresso)

ISBN 978-85-212-1452-6 (e-book)

1. Psicanálise 2. Psicanálise – Prática 3. Emoções
I. Título. II. Petricciani, Marta.

19-0424

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
1. Psicanálise

Conteúdo

Apresentação	11
<i>Eugenio Gaburri</i>	
Prefácio à edição brasileira	29
<i>Izelinda Garcia de Barros</i>	
1. Critérios de analisabilidade e término de análise: um vértice radical	37
2. Exercícios de estilo	59
3. O diálogo analítico: mundos possíveis e transformações no campo analítico	113
4. Oscilando ao longo do eixo PS-D das interpretações no campo das transformações	147
5. O impasse: Hänsel, Gretel e a bruxa no forno	173
6. Sexualidade e agressividade: vetores relacionais e narrações	195

7. O “narrador” e o medo: reflexões a partir do perturbador de Freud	231
Apêndice. Os quadrantes do <i>setting</i>	241
Posfácio	279
<i>Dina Vallino Macciò</i>	
Referências	301

1. Critérios de analisabilidade e término de análise: um vértice radical

Neste capítulo, gostaria de refletir sobre as peculiaridades inerentes às teorizações de campo no que concerne a dois pontos-chave da análise: a decisão de iniciá-la e a de terminá-la.

Antecipo que considero o termo “campo” com a mais ampla gama de significados: desde as conceitualizações dos Baranger (1961-1962) e destes com Mom (Baranger, Baranger & Mom, 1983), até às complexas e sofisticadas de Corrao (1986).

Deste último, gostaria de lembrar a incisiva *definição* (1986) de campo “como uma função cujo valor depende da sua posição no espaço-tempo: sistema de infinitos graus de liberdade, dotados de infinitas determinações possíveis que este assume a cada ponto do espaço e a cada instante do tempo”, e remeto a outros (Bezoari, Ferro, 1990a, 1991b; Ferro, 1993d, f) para definições e especificações.

No exato momento em que o campo toma forma, torna-se o espaço-tempo de intensas turbulências emocionais, de vórtices de elementos β , que, urgindo e ativando as funções α , começam a ser transformados em elementos α , isto é – predominantemente –, em

“imagens visuais” (Bion, 1962): não importa “onde” estas últimas se manifestem: no relato do paciente, na *rêverie* do analista, na sua contratransferência.

Essa emergência das imagens, descrita por Bion é, no entanto, o ponto de chegada de complexas operações de tecedura transformadora que eu, junto com Bezoari, havia tentado descrever com a metáfora dos moinhos (Bezoari & Ferro, 1992a), a qual repropõe sinteticamente.

No encontro analítico, estamos na presença de duas funções α : o relato do paciente de casos, fatos, lembranças que põe intensamente à prova a função α do analista, que estará ocupado com o processo de alfabetização/semantização da comunicação do paciente; no campo analítico, pensamos o grosso do trabalho como feito por dois moinhos, um a vento (para as palavras) e um a água (para as identificações projetivas), aos quais são levados para moer grandes sacos de trigo (elementos β), que deverão virar farinha (elementos α), serem amassados e cozidos (pensamentos oníricos).

Entre os dois moinhos há muita troca de sacos (troca cruzada de identificações projetivas): em geral, mais sacos de trigo viajam na direção paciente * analista, exceto nas situações em que este esteja fechado ou sobrecarregado, quando pode ocorrer uma inversão de fluxo (Ferro, 1987; Borgogno, 1992, 1994a).

Frequentemente viajam comunicações bastante brutas, que necessitam até mesmo de um trabalho de filtragem com a debulhadeira, e o trabalho da função α é o de moer cada vez mais esses elementos. A título simplesmente de exemplo, digamos que uma grande parte das comunicações de um determinado paciente (comunicações não elaboradas, brutas) viaje por via explícita (linguagem) ou por via subterrânea (identificações projetivas), e uma pequena parte viaje já transformada por meio da função α do paciente; da posterior elaboração do analista surgirá nova

farinha, entrarão em cena os “agregados funcionais”,¹ produzidos pelo trabalho mental de ambos narrando o que acontece no campo e na dupla.

O “personagem” (entendido também no sentido narratológico como protagonista de destaque: portanto, pode ser inclusive um objeto do mundo animal ou do mundo inanimado), além das características de “personagem real externo”, ou de “personagem do mundo interno”, adquire o valor de “nó narrativo sincrético” que concretiza, contextualiza, dá forma e nome a tudo o que acontece no campo, permitindo uma visualização tridimensional.

É a maneira como o texto linguístico-emocional da sessão pode exprimir emoções, afetos, de forma trabalhada, transformável, narrável, compartilhável.

O elemento central dessa conceitualização é o “pensamento onírico da vigília”, isto é, aquele contínuo “sonhar para estar acordado”, ao qual a função α incessantemente provê ao constituir elementos α , dispostos em sequência, a partir de todas as aferições senso-perceptivo-emocionais que temos a cada instante existencial e relacional (Bion, 1962).

O pensamento onírico da vigília separa continuamente o consciente do inconsciente, permitindo que não sejamos capturados pelo inconsciente, que vivamos as nossas experiências sem sermos subjugados por elas, que as metabolizemos em tempo real. O

1 O termo “agregado funcional” (Bezoari & Ferro, 1990a, 1991a, b) é alternativo ao de partes personificadas, e permite a suspensão de juízo sobre o pertencimento a um ou a outro ator/autor dos personagens que aparecem durante a sessão, mantendo-os numa situação de transição. O termo “holograma afetivo” (Ferro, 1992) permite colher a tridimensionalidade cênica dos personagens que são evocados durante a sessão, quando não são colhidos no eixo histórico ou no dos habitantes do mundo interno, mas como resultante sintética do funcionamento da dupla no campo.

sonho da noite nos permite ver a resultante de um processo sempre em ato (Bion, 1962).

Temos a percepção do pensamento onírico da vigília por meio dos “próximos derivados narrativos” dos elementos α , que são também continuamente *sinalizadores do texto* linguístico-emocional da sessão.

Os sinalizadores do texto tornam-se perceptíveis todas as vezes que assumimos como vértice escutar tudo o que provém de todos os cantos do campo (relato ou sonho do paciente, nossa contra-transferência, nossos sonhos, identificações projetivas etc.) como *uma narração contínua em tomada direta das emoções e dos movimentos do campo e do sucesso ou do fracasso das transformações do campo na única direção terapêutica $\beta \rightarrow \alpha$* .

Esses *sinalizadores do campo* nos permitem dispor de guias com as quais podemos manter a tensão transformadora $\beta \rightarrow \alpha$, e nos indicam qualquer desvio desse eixo como disfunção do campo. Tais sinalizadores do campo, que são a resultante, momento a momento, das forças emocionais do campo, constituem uma aproximação muito significativa da verdade emocional do campo (o “O” da dupla), se originam no funcionamento mental de paciente e analista e são função da interação destes e de todas as suas vicissitudes.

Naturalmente, a partir de outros vértices presentes no campo, tais personagens são legíveis segundo outros modelos que os veem como pertencendo à realidade externa ou à interna. Esses modelos no campo estão em oscilação entre eles e se *autoconfirmam por todos os vértices teóricos de observação*.

Gostaria de examinar os fenômenos de analisabilidade e de fim de análise, privilegiando justamente essa utilização dos sinalizadores do campo.

Analísabilidade ou capacidade de pôr-se à prova²

A literatura a respeito dos critérios de analisabilidade é muito vasta, e logo fica evidente a grande disparidade entre a sua abundância e a escassez de pontos de vista compartilhados em relação a esse tema.

Em primeiro lugar, chama a atenção a não correspondência linear entre a evolução dos modelos e a ampliação dos mesmos critérios: de fato, os analistas que mais expandiram os conhecimentos da análise quanto às patologias mais graves trataram somente de maneira marginal dos critérios de analisabilidade.

Do meu ponto de vista, é mais útil falar de um *critério de capacidade de pôr-se à prova*, no sentido de que todo analista deveria ter consciência de até que ponto sente que pode chegar para analisar, com base na própria análise, no próprio funcionamento mental, no próprio grau de tolerância do risco e da frustração. Consciência que deveria compreender ainda o grau de capacidade de colocar à prova do modelo de que dispõe: frequentemente há um trabalho anterior à remoção, que permite construir, formar o “aparelho para pensar os pensamentos” (Bion, 1962) antes que esses possam ser tratados e, às vezes, o próprio desenvolvimento de uma função α , mesmo que gravemente deficitária.

No que concerne a um reexame da literatura mais significativa sobre o tema, remeto à compilação feita por Limentani (1972), ao seu acréscimo sucessivo (1988b) e à ótima compilação de Etchegoyen (1986).

Importante dizer que a atenção de quem investigou esse tema deslocou-se significativamente do estudo das características do

2 No original, *cimentabilità*: capacidade de pôr-se à prova em uma situação difícil e arriscada, permanecendo consciente dos próprios limites. [N.T.]

paciente para as da dupla e da interação entre “aquele determinado” paciente e “aquele determinado” analista.

Ao mesmo tempo, o conceito de analisabilidade (entendido como possibilidade de cura, ponto de chegada) foi acrescido, e em boa parte substituído, pelo de *idoneidade* para a análise (baseado na capacidade de estar dentro de um *setting* analítico e de viver um processo transformador) (Limentani, 1972) e pelo de *acessibilidade* à análise, conceito este segundo o qual é possível somente fazer distinção entre pacientes facilmente acessíveis e pacientes de difícil acesso (Joseph, 1985).

Um outro ponto diz respeito a uma espécie de “alarme” de muitos analistas quanto às eventuais *interrupções* da análise (como se “analisável” significasse garantia de um processo que irá chegar até a suposta conclusão de uma última etapa prevista), em vez de considerar de qualquer forma válida uma análise que vá até onde possa ser feita (no trabalho daquela dupla), aceitando, para dizê-lo com Bleger (1967), que uma análise pode terminar com sucesso no ponto em que outras poderiam iniciar.³

Outro alarme diz respeito à eventual condição de interminável, vivida como um xeque-mate mais do que como a necessidade de um tratamento que, por vezes, não pode ser suspenso pelas características da patologia do paciente e do campo, uma análise-diálise que às vezes também pode ser necessária.

Entre as pessoas que me pediram para fazer análise, somente a duas, quando tinha disponibilidade de horário, disse não: no início

3 Lembro de uma longa análise, trabalhosíssima para mim e para o paciente, pelo contínuo estado de emergência em que se desenvolveu, sempre com o risco de atuações até mesmo violentas – após as quais me perguntava se, no fundo, tinha valido a pena –, em que o próprio paciente me surpreendeu, dizendo: “Devo muito à análise, porque graças a ela não me tornei nem um toxicômano nem um assassino”.

do meu trabalho, a um paciente que me repropunha temáticas emocionais e existenciais semelhantes àquelas há pouco elaboradas por mim na minha análise, razão pela qual não me sentia muito preparado para ocupar-me delas em outra pessoa; e, também no início do meu trabalho, a um outro paciente alto e forte que, enquanto eu o “seguia” na sua narração, disse-me que, uma vez, no carro, sentira-se “seguido”, e quando essa suspeita tornara-se certeza, tinha parado e batido na pessoa que o seguia até sangrar: pareceu-me motivo suficiente para “não segui-lo”.

Em outras ocasiões, tendo tempo, nunca disse não a um paciente por considerá-lo inalisável ou grave demais: mesmo que por vezes tenha pago bastante, em termos de esforço ou sofrimento mental, por essa decisão, a qual, no entanto, me permitia tentar ir além do que já estava “mapeado”.

Permanece um mistério – mas talvez nem tanto – a escolha de dizer sim, mesmo não dispondo de tempo:⁴ acontece com pacientes que propõem uma temática que, naquele momento, se aproxima muito dos interesses teóricos e muitas vezes práticos do analista, que parte, assim, *também* para a exploração de zonas misteriosas, ou obscuras, ou simplesmente não suficientemente transitadas pela própria mente (Meotti, 1987).

Outro temor é o do paciente que poderia se agravar, eventualidade que por um lado poderia testemunhar uma técnica inadequada quanto às suas necessidades ou capacidades (possibilidade demonstrada por muitas transferências psicóticas, muitas reações terapêuticas negativas e muitas interrupções; De Masi, 1984, Gagliardi Guidi, 1992, Conforto, 1996), mas por outro lado é uma prova necessária para a elaboração de estados mentais adormecidos ou encapsulados.

4 Quero dizer horas geralmente não disponíveis para análise no programa de trabalho da semana.

Puget e Wender (1987) disseram que consideram análise aquelas situações, frequentemente limítrofes, em que se ativa uma função psicanalítica capaz de produzir “a compreensão e a semantização do que é inconsciente, não compreendido, não pensado até aquele momento: um alívio para a dor mental”.

Naturalmente, o analista deve examinar-se em relação à própria disponibilidade, de modo geral, para receber *um* novo paciente em análise, e posteriormente em relação a receber *aquela* determinado paciente: pode acontecer que se diga não *àquela* paciente, porque não há lugar para *um* novo paciente.

Acontece, como eu dizia, também o contrário: que não tendo lugar para *um* novo paciente, se encontre lugar para *aquela* paciente. Classicamente, esse amor à primeira vista seria um bom motivo para renunciar a um paciente que acende essa vivência de contratransferência, mas como e por que resistir? Haverá tempo para arrepender-se ao longo da análise; assim como, em contrapartida, pacientes aos quais se disse sim somente porque se tinha *um* lugar revelam-se posteriormente pacientes com os quais vivemos análises apaixonantes, o que me parece confirmar o quanto, numa análise, são infinitas as aberturas de sentido e os mundos possíveis que podem ser ativados.

O primeiro encontro poderia ser imaginado como o mais neutro, aquele durante o qual pode prevalecer a escuta da história ou do mundo interno do paciente; nada mais ingênuo: já desde o telefonema, e mesmo antes dele, começam a estruturar-se por parte do paciente e do analista as fantasias “de dupla”, que precipitam já no primeiro encontro, como dizem exemplarmente os Baranger. Não somente isso, mas o *modelo de escuta*, se usado sem consciência, estrutura o campo e termina por confirmar as teorias do analista por meio da formação de microtransformações em alucinação, nas quais as teorias distorcem a comunicação do paciente “lendo-a”

de modo unívoco: a colonização interpretativa cria o domínio do não existente, o que é evitado é a dolorosa experiência da frustração diante do vazio do não saber, da dúvida de permanecer por muito tempo em PS, à espera que o campo, “verdadeira matriz de histórias possíveis” (com base no genoma emocional do paciente, do analista e nas capacidades de transformação), ative uma “história” que não pode ser prevista. Creio que existe, já no primeiro encontro, um oscilar contínuo entre as “capacidades negativas” do analista (Bion, 1970), que comportam um seu saber permanecer na dúvida, em PS, permitindo a abertura de infinitas histórias (ou infinitos sentidos), e a opção pelo “fato selecionado”, a qual implica a escolha forte de uma hipótese interpretativa que nasça de uma emoção que agrega o que estava disperso em PS, numa *Gestalt* que fecha os sentidos em favor de um sentido prevalente, o qual reorganiza em modo unívoco, de um determinado vértice, o que se formou no campo; é uma operação que acontece em D e que comporta uma operação de luto pelo que não é.

A isso, em narratologia, define-se com os conceitos de “obra aberta” e de “narcotização” de histórias possíveis para consentir o desenvolvimento de uma história, e é mostrado de modo operacional por Diderot no seu *Jacques le Fataliste* (Eco, 1979; Ferro, 1992).

Gostaria de dar um breve exemplo.

O orgasmo e o boletim escolar de Carmen

A primeira comunicação de Carmen, uma jovem mulher não italiana, é que não atinge o orgasmo com a penetração. Impressiona-me o fato de que essa seja a primeira coisa que me diz no nosso encontro.

Conta-me depois a respeito da vida não plenamente satisfatória que leva, e da família que deixou numa cidade europeia. Acrescenta alguns outros relatos da infância e a descrição da sua característica peculiar de estar sempre “raivosa”. Afirma tê-lo sido desde pequena, após ter vivido uma experiência muito decepcionante: tinha trazido para o pai o seu boletim escolar com notas muito ruins, e estava certa de que ele iria ficar muito bravo e a puniria. Ficara muito mal e cheia de raiva quando ele assinara o boletim sem nem mesmo olhar as notas e, portanto, sem comentá-las. Em seguida, fala do relacionamento superficial com a mãe e de outras experiências ligadas à troca de regime político no seu país de origem.

Como pensar esse primeiro encontro? Como interpretar os personagens? Certamente podem ser entendidos como personagens com um alto referencial histórico e de realidade externa: em conexão com o próprio romance familiar. Portanto, podemos pensar nos problemas sexuais como ligados à feminilidade, angústias de castração, temáticas edípicas, pré-edípicas e assim por diante...

No entanto, os personagens podem ser entendidos como um modo de narrar, num dialeto, fatos emocionais do mundo interno: “o orgasmo com penetração” poderia estar para “relações íntimas profundas”... e a história do boletim pode ter a ver com o protótipo de uma relação decepcionante e frustrante; como se Carmen dissesse desde cedo: “Eis o meu problema: para mim, as relações íntimas e profundas nunca são fonte de prazer, mas somente e sempre fonte de desilusão e raiva”, e o problema sexual pode ser o veículo para contar essas temáticas ainda mais íntimas.

Mas haveria ainda um outro nível possível se puséssemos em ato, desde o primeiro encontro, uma leitura dos personagens e da história muito centrada sobre a relação. Com efeito, já ao telefone, eu tinha dito a Carmen que não tinha horário para uma eventual análise e que podia encontrá-la somente para uma entrevista: o

que só poderia provocar raiva e desilusão para com quem não demonstrava particular interesse em conhecer as suas “notas ruins”, e certamente a minha resposta não lhe causara nenhum prazer.

Cada uma dessas leituras constitui, a meu ver, uma colonização do texto do paciente. A alternativa é a de criar, na sessão, um modelo capaz de prescindir dessas teorizações e que seja um dar, pela primeira vez, um nome e um sentido a algo de desconhecido e que nunca foi pensado antes (pelo menos com, e para, Carmen, comigo e por mim), de modo que não podemos saber o que é enquanto não tiver sido; é, no fundo, o que diz Bion quando fala do uso do “modelo” construído em sessão e de ser “sem memória e desejo” (Bion, 1962, 1970); contar mais com as próprias “capacidades negativas” do que com interpretações decodificadoras (Bion, 1970) e ver quais transformações poderá ter essa “história”, no “dialeto” em que a paciente a propõe, de acordo com a interação das mentes de paciente e analista no campo que eles mesmos criam, campo entendido como lugar-espço promotor, ativador de histórias possíveis (a partir, naturalmente, dos ingredientes emocionais que o paciente traz).

Nessa ótica, um ponto significativo é o modo de considerar os personagens da sessão numa gama que, permitindo entendê-los como personagens histórico-referenciais do mundo interno, da relação ou hologramas do campo, consinta n combinações dos mesmos, não determináveis aprioristicamente.

Portanto, me parece que o critério da analisabilidade seja um critério *a posteriori*, no sentido de que não sabemos ainda quais “histórias” (da dupla, do mundo interno, da história) tomarão corpo; podemos fazer somente uma previsão (não mais segura do que as da meteorologia) sobre as turbulências que serão ativadas no campo: o quesito que poderemos nos colocar diz respeito a quanto a “função α do campo” e o “aparelho para pensar os pensamentos”

de campo serão capazes de não se desestruturar (e, portanto, não evacuar) e de transformar os elementos β do campo.

O único aspecto que, sem ser um critério de analisabilidade, considero útil, é justamente o de levar em conta, já no primeiro encontro, a possibilidade de operações transformadoras na sessão,⁵ no sentido de ver quais as capacidades de formar imagens, histórias, *rêveries* que se ativam na dupla: tudo isso como auspício de fertilidade da própria dupla; inútil dizer que, quando isso não acontece, esse poderia ser justamente o problema a ser tratado.

Lembro que Bion, na grade, destinou a coluna 2 às “mentiras”, como tudo o que nos “protege” do desconhecido, que é o que mais nos aterroriza e que sempre gostaríamos de tentar evitar, exorcizar, mapear com cartas falsas; creio que todo paciente “difícil”, ou inalisável segundo alguns parâmetros, não faça outra coisa senão nos confrontar com aspectos desconhecidos de nós mesmos, dele e das nossas teorias (Gaburri & Ferro, 1988).

Não posso deixar de lembrar o apólogo dos mentirosos (Bion, 1970) e, entre as falsas verdades que invocamos para nos proteger, incluiria também muito do que se escreveu sobre os critérios de analisabilidade.

Inevitavelmente, receber um novo paciente implica também riscos para a vida mental do analista: menores se o analista se coloca como arqueólogo ou decodificador de fantasmas “do” paciente.

5 Um paciente me parece logo, e é, muito grave; está acompanhado... toma muitos psicotrópicos... ao ficarmos sozinhos, fala-me de maneira muito persecutória e violenta da relação com a mãe, mas após algumas minhas intervenções cautelosas, acolhedoras e *textuais*... começa a dizer-me que, bem, não era sempre como me tinha contado... que o ódio nascia do medo... e quando o medo não era tanto, via também os aspectos bons da mãe... que na realidade era muito disponível e atenta...

Acarretam seguramente riscos para o analista os pacientes muito graves, que comportam o confronto e a metabolização de angústias muito primitivas e, por vezes, catastróficas, que de qualquer forma entrarão no campo; pode-se dizer o mesmo para graves pacientes psicossomáticos com os quais se deverá perfazer o caminho do somático ao mental.

Existe, pois, um perigo, no sentido de uma quota de sofrimento mental que se ativará (lembremos o que já dizia Freud sobre a necessidade, para todo analista, de uma “manutenção” periódica e o que disse Bion a respeito daqueles pacientes que provocam danos na mente do analista).

Mas existe também um “perigo” ligado ao crescimento da própria mente: o sofrimento pelo aumento da área de pensabilidade, no sentido mesmo de uma dilatação da própria mente. Um outro perigo – desta vez também para o paciente – é que as teorias se constituam como defesas contra o pensar, o que pode acontecer, aliás, também com as interpretações.

Término da análise

Inútil dizer o quanto a literatura sobre os critérios de término da análise seja, também ela, riquíssima; para um aprofundamento sobre o tema, remeto ao capítulo de Etchegoyen (1986), a Preve (1994) e a De Simone (1994).

Também para o término da análise vale o que eu dizia no início. Se considerarmos a análise em termos de “campo”, por consequência será o próprio campo o lugar de “sinalização” do fim da análise. Cada lugar do campo poderá vir a ser o lugar em que se acenderá tal sinalização: a contratransferência, os sonhos de contratransferência, os personagens ou narrações do paciente que começarão a

“sinalizar” esse evento, e isto não com base numa teoria que o preveja, mas num modelo que o permita (Bion, 1962).

A diferença entre teoria e modelo é traçada muito claramente por Bion em *Aprender com a experiência*; a teoria é muito saturada, deriva de um alto grau de abstração, se usada na sessão distorce o material, enquanto o modelo é insaturado, é uma invenção dia após dia, é uma descoberta provisória feita na sessão, que fora dela poderá encontrar organização em teorias, sendo que na sessão o modelo é único e irrepetível.

Gostaria de acrescentar ainda que, numa ótica de campo, existe mais uma variável, que é a de considerar que este se estrutura a partir da contribuição da vida mental de paciente e analista, da interação das suas defesas, das suas transferências, das identificações projetivas: o término da análise é, pois, algo cada vez muito específico, e específico àquela dupla.

Para mim, o término da análise se constituiu sempre como um “acontecimento” específico daquela análise, salvo poder reconhecer depois a existência de elementos comuns, mas esse aspecto emerge sempre *a posteriori*; prevaleceu sempre, durante a análise, a imprevista e inesperada “sinalização” no campo, por parte do texto linguístico-emocional da sessão, de tal acontecimento.

A posteriori, abstraindo dos vários modelos experimentais na sessão, uma frequente sinalização veio para mim de alguma coisa que indicava uma maturação do “aparelho para pensar os pensamentos” (Bion, 1962). Ou seja, não creio que devemos pensar tanto no desenvolvimento deste ou daquele conteúdo quanto no desenvolvimento do que Bion descreve com a metáfora do aparelho digestivo.

Lembro que, ao lado da função α (e da sua capacidade de transformar elementos β em elementos α , e, portanto, levar ao

pensamento onírico da vigília e aos pensamentos), Bion postula a necessidade da existência de um “aparelho para pensar os pensamentos”, inadequado na espécie humana mas necessário para tratar, organizar, usar os pensamentos, uma vez que tenham sido produzidos. Sem esse aparelho, os pensamentos são evacuados como se fossem elementos β .

O “aparelho para pensar os pensamentos” é constituído pelas oscilações PS « D e por aquela $\varphi \text{ } \text{\textcircled{S}}$. A introjeção suficiente desse aparelho é, para mim, um ponto-chave de tal sinalização. Essa introjeção não passa, durante a análise, por descobertas ou por mais saber, mas pela progressiva introjeção das qualidades mentais do analista, pela introjeção do método que o analista usa para tratar suas emergências emocionais, paixões, pensamentos (Bianchedi, 1991).

Portanto, é a introjeção dessa qualidade que propicia a autonomia: naturalmente, isso passa por um longo trânsito graças ao trabalho sobre os conteúdos, não pelo valor da sua “revelação” ou da sua “interpretação”, mas por passar ao outro, progressivamente, essa função: é o que Bion diz a respeito da *rêverie* e da função α materna. Cada vez que entra em função, não só há conteúdos emocionais bonificados ou transformados, mas sobretudo há a progressiva introjeção de partes da mesma função, do aparelho PS « D e de $\varphi \text{ } \text{\textcircled{S}}$.

O término da análise é preparado desde a primeira sessão, no sentido de que serão justamente as capacidades mentais do analista, experimentadas dia após dia, durante anos, que permitirão a introjeção do “precipitado” destas; o que conta, na minha opinião, é como funcionou, no campo analítico, a mente do analista com a do seu paciente, quais transformações ($\beta \rightarrow \alpha$) propiciou, prescindindo totalmente das teorias de “cultura interpretativa” utilizadas.

É fundamental o quanto a mente do analista acolhe e transforma, no aqui e agora, as angústias do paciente, pouco importando

quanto a teoria do analista comporta esse mesmo fato: *importa o que o analista realmente faz do ponto de vista das microtransformações em sessão, não importando o que creia que faça, ou em que dialeto creia que o faça.*

Critério que difere daquele mais superegoico da estabilização do paciente em D: de fato, com Bion, não é mais possível pensar numa ancoragem em D, mas num oscilar contínuo PS « D. A introjeção da função analítica creio que possa ser considerada como a “enzima” que favorece a reação em direção a D, dando confiança e esperança de que, mesmo nos momentos de mais agudo PS, é possível a transformação do estado mental para D.

Se pensarmos que a análise é aquela sonda (Bion, 1970) que permite a contínua expansão do campo que investiga, não poderia ser de outra maneira.

Quanto à focalização sobre o analista ou sobre a dupla enquanto trabalha, Preve (1994) concilia as posições de Grinberg (1981a) e as de Bianchedi e colaboradores (1991), dizendo que “no fundo é o analista que assume a responsabilidade das decisões de separar-se e fixar a data, mas estas são o fruto de uma interação da dupla”.

Preve acrescenta sempre aos indicadores que provêm do paciente, descritos por Libermann e colaboradores (1983) como temporais, de movimento, de afastamento e de “personagens típicos”, os indicadores de reestruturação arquetônica.

Gostaria de insistir na importância das capacidades negativas do analista, entendidas como tolerância à dúvida, ao não saber, para permitir a entrada de tudo o que o texto emocional nos sinaliza: surpreendi-me ao perceber que, em diversas análises, aparecia essa sinalização particular: *uma ferramenta para a manutenção da mente.*

É como se, de repente, as forças do campo começassem a dar esse tipo de resultante emocional; aqui também entendo esses sinalizadores como “agregados funcionais da dupla”, que como tais ganham corpo a partir das emoções do campo, e relatam, por meio dos personagens, as transformações ocorridas no campo. É o “espaço da análise que se transforma” (Riolo, 1989), que implica transformações do paciente, do analista e da própria psicanálise.

Esse ponto é fortemente enfatizado por Riolo (1989) quando afirma que a eficácia de uma análise é mensurável somente pelas transformações correlativas que produziu em todos os seus componentes, e que não se verifica nenhum resultado, mesmo somente do ponto de vista terapêutico, se o paciente, por sua vez, não foi capaz de modificar a análise e o analista, de “informá-los” sobre si, de impor a própria verdade, evitando assim o risco de que seja o analista a preencher com os próprios pensamentos e as próprias emoções o vazio deixado por ele.

De Simone (1994) ressalta que é a possibilidade de “reorganizar os acontecimentos do passado com base nas novas experiências relacionais, dando-lhes novos significados” que demonstra a eficácia terapêutica do sintoma transformado em relato e fala, valorizando o tema da *Nachträglichkeit*.

Quinodoz (1991) descreve o sentimento de autossustentação como expressão da “aquisição por parte do paciente de autonomia e da capacidade de estar sozinho”.

Alguns exemplos clínicos para concluir: o primeiro e o segundo concernem ao “aparelho para pensar”.

O pente de Loredana

Loredana, no final da análise, sonha que recebe do pai uma bolsa com tudo o que lhe serviria (pentes, escovas, bobs, secador etc.) para colocar “a cabeça em ordem” cada vez que os cabelos se des-penteassem. Sonho que, junto com os mais evidentes significados introjetivos, sinalizava-me o longo caminho percorrido desde o sonho do início da análise, no qual aparecia, para terror de Loredana, a terrível cabeça da Medusa com serpentes no lugar dos cabelos.

A aparelhagem doméstica de Gabriella

O problema com Gabriella tinha sido elaborar o que estava por trás da sua necessidade de *lucidez*: toda a “loucura” que a aterrorizava e que temia que a contagiasse.

Durante a análise, há uma progressiva preparação para enfrentar as emoções mais intensas e violentas que a invadem.

Isso tudo “precipita”, num certo ponto (além da descrição da nova reestruturação da casa e das reformas que comporta, com a definição de novos e separados espaços), com uma detalhada descrição da aparelhagem de dona de casa da qual dispõe, para a rotina normal e para as emergências: para os alagamentos em casa há a “vassoura de Chiavari”,⁶ que não é nem muito rígida, nem muito mole (é a capacidade relacional declinada duplamente, “vassoura” e “Chiavari”, que cuida dos alagamentos emocionais). Mas há ainda o Mini-pimer, capaz de liquidificar, homogeneizar e tornar assim assimiláveis verduras, carnes etc. (qual melhor descrição da função

6 *Scopa di Chiavari*: os dois termos, em italiano – “*scopa*” (vassoura) e Chiavari (nome de uma cidade) –, significam, vulgarmente, o ato sexual. [N.T.]

a?), o papel Scottex (com o qual estanca, em um sonho, a ferida no dedo de um menino)... e *a mala de ferramentas do marido*, com a qual, em todo caso, pode contar.

O terceiro exemplo mostra como o paciente – ou melhor, colega – é capaz de sinalizar continuamente as próprias necessidades emocionais.

O “ciao” e a “pinça” de Gianluca

A de Gianluca é uma longa análise já descrita em outro texto (Ferro, 1993b, f), que, no início, o tinha visto incapaz de dormir e de estar acordado, tomado por terríveis e contínuas evacuações alucinatórias. Destas, conseguimos chegar, progressivamente, após a reconstrução de um continente mental, às transformações em alucinoses, e, depois, aos fotogramas oníricos da vigília (Bezoari & Ferro, 1990b, 1994b). Finalmente, após o relato de um amigo que sofrera uma operação neurocirúrgica por causa de uma tensão que o levava a vomitar, e na qual fora colocado um tubinho (= tu vizinho?)⁷ que permitia descarregar o excesso de tensões no interior (introjeção de um continente), começa a sonhar, e contemporaneamente encaminha-se para uma estabilização das suas emoções – agora transitáveis – e da sua vida.

Os sonhos tornam-se então os nossos principais meios de trabalho. Aprecia muito o novo mecânico, o senhor Morini, que honra os próprios compromissos, que conserta bem as motos dos rapazes de quem gosta: “Tem um filho ajuizado, porque um pai calmo e adequado faz filhos calmos e adequados”. Gianluca agora quer tirar a carteira de motorista... vir a Pavia sem o papai...

7 Em italiano, a aproximação fonológica é nítida: *tubicino/tu vicino*. [N.T.]

“fechar as portas”... “pegar a Ciao⁸ torna-se cada vez mais fácil para ele”... (assim também saudações e rituais de final de sessão se simplificam).

Sinto uma emoção nova ao ouvir os projetos de Gianluca: quer abrir uma filial para a fábrica de móveis artesanais do papai, não como concorrente, mas em outro lugar... a razão social que gostaria de dar para a própria loja é “Sofá”.

Mostra-me a sua foto de quando tinha 3 anos, depois de quando tinha 8 e depois mais quatro fotos de hoje que lhe servem para a carteira de motorista: comunica-me que sabe dirigir bem também nas estradas de três pistas, assim como se move bem também na relação triangular com os pais.

Comprou uma moto “Maratea modelo exportação”, não sabe se enfrenta os exames para tirar a carteira, mas sonhou que o papai colocava um “freio” no acelerador para não deixá-lo correr demais.

Começa o “meu” trabalho sobre o final da análise, já é tempo, está pronto ou devo colocar o “freio”?

Um pouco atrasado em relação a ele, digo-me que ainda é cedo e lhe falo (diria Meltzer, fazendo propaganda) do “menino que ficará triste quando me deixar”: mostra-me os pulsos dizendo que são robustos e fortes; angustiado pela ideia de um fim prematuro, e sem conseguir metabolizar imediatamente essa angústia, insisto retomando velhos discursos. Tem, depois de anos, novamente um *flash* visual: “vejo uma pinça”, não posso não entender e lhe digo que teme que agora seja eu incapaz de deixá-lo ir e que queira retê-lo além do que necessita.

Começo a vê-lo como um rapaz que quer assumir a responsabilidade da própria vida mental e sinto que devo renunciar à fantasia

8 *Ciao*: nome de uma mobilete. [N.T.]

de protegê-lo, pensando, eu por ele, que é um risco deixá-lo ir, mas que talvez seja um risco necessário... Logo que começo a pensar dessa forma, conta-me pela primeira vez acerca do que reuniu nesses anos: tem todos os acessórios de Big Jim, o trenó, o *trailer*, a tenda, os aquecedores... tudo comprado na loja de caça e pesca, tem também Big Jack e o terrível Torpedo que dá socos, mas o bravo Big Jim não tem medo; comprar essas coisas lhe custou muito...

Digo-lhe que talvez sejam as coisas que adquiriu em tantos anos de análise e trabalho... nada mais digo... parecendo-me necessária uma discrição da minha parte: esta é premiada. Mostrou o seu Big Jim a Davide, um amigo, que olhou, depois brincou com ele, mas com muita delicadeza, sem quebrar nada, justamente como ele queria... Pede assim para estabelecer uma data para o fim da análise, que respeitamos pontualmente, acompanhados pelas “notas tristes de sinos muito melancólicos” de um sonho das últimas sessões.



Este texto desenvolve o conceito de “campo analítico”, que tem suas origens no pensamento de Bion e dos Baranger, propondo sobre ele uma interpretação original. Assim, revisita algumas das temáticas de base da psicanálise, como os critérios de analisabilidade e fim da análise, as transformações que ocorrem durante as sessões, os impasses e as reações terapêuticas negativas, a sexualidade e o *setting*.

São, então, expostos alguns dos temas específicos do autor: a exploração dos muitos modos pelos quais podem ser entendidos os personagens que emergem durante a sessão, os sinalizadores contínuos que o paciente fornece das turbulências emotivas do campo, entre outros.

Esse percurso é realizado por meio de uma narração clínica escolhida como o modo mais eficaz para transmitir uma complexa teoria da “mente em relação”, que, a partir da dimensão protomental, leva ao desenvolvimento e à expansão do pensável pelos dois membros da dupla analítica.

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1451-9



9 788521 214519

www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Na Sala de Análise

Emoções, relatos, transformações

Antonino Ferro

ISBN: 9788521214519

Páginas: 332

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.420 kg
